

Resenha do livro: The Battle of Bretton Woods**Autor: Benn Steil****Por: Gabriel Bittar Domingues***

Julho de 1944: economistas reúnem-se no Mount Washington Hotel, em Bretton Woods (New Hampshire, Estados Unidos da América). Lá, ocorreria um encontro definitivo na história da economia do século XX. Benn Steil relata esse encontro recorrendo a diversos documentos, dentre eles leituras do que viria a ser os *Diaries of Henry Morgenthau Jr.* O intuito da obra é fazer uma reinterpretação do encontro de Bretton Woods à luz desses documentos. Que é que os participantes buscavam? Qual era a condição de cada país na época e, portanto, como estavam dadas as possibilidades de negociação? Foram dúvidas como essas que levaram Steil a escrever seu relato.

Por um lado, o representante dos Estados Unidos da América (EUA), Harry Dexter White, tinha a intenção de legitimar um plano que já começava a ser delineado pelo próprio contexto em que se encontrava a situação geopolítica da época: os EUA eram credores dos demais países, e a maior parte do ouro da época se encontrava por trás dos muros estadunidenses do Fort Knox. White, portanto, pensa em um plano que crie paridade entre o ouro e o dólar, possibilitando que os EUA garantissem hegemonia econômico-financeira. Para garantir também a hegemonia política, White pensa duas instituições: o International Monetary Fund (FMI) e o Banco Mundial, ficando a primeira com a oferta de créditos e a realização de empréstimos entre países, com vistas a evitar situações de subdesenvolvimento.

A ideia, aliás, que permeia toda a reunião de Bretton Woods, é exatamente evitar situações de subdesenvolvimento: como os países saíam da Segunda Guerra Mundial (II GM) destruídos econômica e politicamente, fez-se necessário criar uma reunião internacional para decidir os rumos da economia global, na qual os diversos países pudessem entrar em acordo (é importante frisar que tinha mais cotas para votar e maior influência aquele que detinha a maior parte do ouro, servindo tal reunião mais como uma forma de legitimar os anseios dos países mais ricos e dos EUA em particular).

* Graduando em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Voluntário de PIBIC (CNPq). e-mail: gabriel-b07@hotmail.com

De qualquer forma, no FMI estavam contidas as sementes do que seria a legitimação política da hegemonia dos EUA. No começo, os empréstimos serviriam apenas para a reconstrução daqueles países que tivessem tais necessidades. Posteriormente, o fundo ficaria disponível para o auxílio aos países subdesenvolvidos. É evidente, no entanto, que houve algo por trás disso: ao tomar um empréstimo do FMI, o país devedor passaria imediatamente a ter um prazo para efetuar a devolução do pagamento. Caso tal prazo não fosse cumprido, o país em questão perderia grande parte de sua autonomia política, tornando-se praticamente um instrumento nas mãos dos Estados Unidos. Não poucos países caíram nessa dívida infundável com o FMI: o Brasil é um dos exemplos.

Por outro lado, John Maynard Keynes, o economista inglês que, junto com White, foi o mais importante dessas reuniões (pode-se considerar, de certa forma, que ocorreu um embate entre White e Keynes em Bretton Woods), pensava de modo diferente de White, e propôs a criação de uma moeda chamada “bancor” (mistura de “*bank*” com “*or*”, que em francês significa “ouro”) e de um órgão internacional para que ocorressem as transações com essa moeda. Diferentemente de seu oponente White, no Plano Keynes não ocorreria a paridade entre o dólar e o ouro, mas, isto sim, um jogo de transações em uma instituição internacional que teria regras que não permitiriam certos tipos de abuso econômico possíveis em um sistema *laissez-faire*.

A instituição proposta por Keynes foi a *International Clearing Union (ICU)/International Clearing Bank (ICB)*, e as transações deveriam ocorrer da seguinte maneira: um determinado país que tivesse interesse em comprar um produto de outro precisaria, antes, comprar *bancor* no *ICB*. Do fato de que o *ICB* não existiria realmente, isto é, como o *bancor* seria uma moeda imaginária, decorreria o seguinte: 1) as flutuações seriam mais preditivas, pois a moeda poderia ser manipulada pelos líderes da União Internacional; 2) países menores teriam maiores chances de crescimento, pois poderiam ser aplicadas diferentes medidas para diferentes países, buscando o princípio da igualdade para os iguais e desigualdade para os desiguais, nas transações. A lógica da proposta reside no fato de que uma casa de *Clearing* é um espaço de compensação de transações financeiras ou de ordem de serviços e mercadorias que funciona de modo a atualizar o câmbio dos países para que as transações possam ser feitas em medida proporcional.

Apesar de o Plano Keynes ser relativamente mais abrangente que o Plano White, é importante não esquecer que ele era baseado em interesses próprios de Keynes e, portanto, buscava também de certa forma favorecer a seu país, pois o mesmo se encontrava em dívida e com recursos cada vez menores frente às investidas contra a Alemanha, investidas essas que demandavam o uso de armamentos e recursos, pois dada a posição geográfica em que fica a Inglaterra (que gerava uma iminência de ser atacada, visto que as tropas nazistas já estavam avançando pela França), esta não podia se dar ao luxo de não conter os avanços nazistas. Sendo assim, a Inglaterra acabou acumulando dívidas com outros países para poder se manter durante a guerra. Essa dívida pesou para Keynes no momento em que o mesmo entrou pelas portas do Hotel Mount Washington para discutir as possibilidades relacionadas à instauração de uma nova ordem econômico-financeira internacional.

Com maior riqueza de detalhes e comentários sobre os economistas e as fontes históricas, Steil apresenta todas essas questões relativas ao Encontro de Bretton Woods, convidando-nos a uma leitura importante de história econômica, pois é por meio desse encontro que passaram a existir instituições que até hoje vigem, embora sob outros pretextos ou com outros nomes. Para pensar a contemporaneidade econômica e política, portanto, *The Battle of Bretton Woods* é um livro de grande importância.

Referência

STEIL, Benn (2013). *The Battle of Bretton Woods*. New Jersey: Princeton University Press. 449 pages.